

Ilustração Portuguesa



N.º 51
1907

DIRECTOR: CARLOS MALHEIRO DIAS
EDIÇÃO SEMANAL DA EMPRESA D'O SÉCULO



Sedativo BEIRAO
ANTI-DYSMENORRHEICO

É o mais adequado e soberano medicamento para todos os sofrimentos que precedem ou acompanham as menstruações irregulares (dysmenorria). Cura o alívio a colica uterina e dos ovarios, as dores reflexas muito violentas na cabeça, estomago, ventre e quadric; vertigem, náuseas, convulsões, ataques nervosos, histericos e outros; causas, sintomas, diarréa, abate a elevação do ventre por acumulação de gases, a largueza das veias das pernas e das hemorroidarias que muito complicam as menstruações irregulares. O **Sedativo Beirão** actua com especialidade sobre o útero, orgãos annexos e dependentes, dá-lhes em regra muscular, regularisa as suas funções e é muito efficaz na atonia dos ovarios e na debilitação da fraqueza do útero. É indispensavel em ginecologia accidental, e suspende a obliquidade das regras por effeito do reflexo-não emções ou «stic». O **Sedativo Beirão** contém propriedades tónicas, adstringentes e antipépticas, muito efficazes para debilitar o fluxo branco-léu vaginal (leucorrhéa).

O **Sedativo Beirão** é de grande valor therapeutico na menopausa ou cessação final das regras. Elimina as fibras musculares do estomago e intestinos, assegura o regular movimento peristaltico e antisepticidade destas visceras que, quando invertido, é origem sustentavel de graves perturbações gastro-intestinaes, diminua a pressão arterial, estabelece o equilibrio da circulação e consequentemente melhora a perizão da super-abundancia de sangue e de outras moléculas que sobrevém pela cessação final dos menstros n'esta molheza da vida da mulher. O **Sedativo Beirão** não é contra indicado nas molestias uterinas e dos ovarios, não dependem de eões d'aquelles orgãos ou de intervenção cirurgica.

DEPOSITOS ADOCTORADOS.
Em Portugal: Pharmacia Lib. l.—Avenida da Liberdade, 167, Lisboa.
Pharmacia do Padrão — Rua Formosa, 10, Porto.
Inglaterra e colonias: Mr. J. Wyman.
Export Druggist, 58 e 59, Bu Hill Row London, E. C.

O principio e seguimento das minhas obras tem sido sempre annunciado ao publico, e substituiu para mim um verdadeiro martyrio e muitas vezes perdia os sentidos.

Foi n'uma d'estas crises que o meu medico assistente, o ex.º sr. dr. Arraens Pereira me prescreveu o Sedativo Beirão Anti-dysmenorrhéico, cujo effeito calmante se não deixava esperar. Tenho repetido de uso d'este sagrado remedio, uma semana em cada mez, e tolo como verdadeira surpresa que as crises appareçam agora regularmente e sem dores.
Nem os remedios castron nem os pharmaciaes já mais conseguem aliviar. Porto, Rua de S. Lazaro, 128, em 30 de novembro de 1905.—Euzelia Aurelia Fernandes.
(Segue o reconhecimento do thellifico Antonio Borges d'Avellar).

Instructions pour l'usage en portugais, en espagnol, en français, en anglais, en Italien, en allemand, en hollandais, en russe et en hébraïque.

Prix du flacon: huit francs, Franco par tous les pays de l'Union postale contre mandat de poste adressé à Pharmacia Beirão, Avenida da Liberdade 167—Lisboa.

PEÇAM
EM TODA A PARTE

AGUAS mineraes do Monte Branco

COLLARES

R. Arco Bandeira, 216, 2.º
LISBOA

A seda suissa
É A MELHOR

Peçam as amostras das nossas sedas, novidades de primavera e de verão para vestidos e blusas!

Echizen, tafetéis de lustro, Loulins para de dia, Musselin 120 cm. de largura dos fr. 1,25 e metro, our. preto, branco, lilaz e plasta-la, assim como blusas e vestidos em batate bordado. Vendemos as nossas sedas em artigos soltos directamente aos particulares e franco de porte ao domicilio.

Schweizer & C.
LUCERNE Z. 2 J (SUISSA)
Exportação de sedas



LICOR VEGETAL

O melhor remedio e purificador de todas as molestias provenientes da impureza do sangue
PREÇO

1 frasco. 1\$000 réis
7 frascos 6\$000 réis

Para provincia PORTE GRATIS

Todos os pedidos devem ser feitos assim:

PHARMACIA BRAZILEIRA
15, L. de S. Domingos, 15-A
LISBOA

AGUA CASTELLO

PREMIADA em varias EXPOSIÇÕES — FORNECEDORES da CASA REAL

OS MELHORES CHARUTOS DA ACTUALIDADE

FUMEN OS CHARUTOS

- Republicanos 30 réis
- Congressistas 30 .
- Regeneradores 30 .
- Marianos 50 .
- Navarros 60 .
- Agullas 60 .
- La Corona de Hespanha 80 .



A todo os depositos e Tabacarias de Lisboa, Porto, Coimbra, Braga, Vasteram, Castello Branco, Guarda, Faro, Evora, Leiria, etc.

UNICO IMPORTADOR
Alfredo Alves Martins

153, Rua da Palma, 155—LISBOA

Vende-se em todas as relojoarias e...

RELOGIO VULCAIN
HORA EXACTA



O CARNAVAL ROMANTICO

Com as primeiras aventuras de D. Miguel entre as cantoras e bailarinas de S. Carlos, surgiu em Lisboa o Carnaval romantico. O *vintismo* e a gravidade das suas casacas de briche passara, como passam as coisas ridiculas e posiças. A corte voltou a povoar Queluz e a Bemposta, Belem e Salvaterra; por um momento, appareceram ainda os polvilhos de França nos cabelleiras e as grandes fivellas nos sapatos; a reacção palaciana

sura, como passam as coisas ridiculas e posiças. A corte voltou a povoar Queluz e a Bemposta, Belem e Salvaterra; por um momento, appareceram ainda os polvilhos de França nos cabelleiras e as grandes fivellas nos sapatos; a reacção palaciana operou-se sob a influencia apostolica e concun-da da Rainha, e D. Miguel, *moeur* de 20 annos, pelo braço galante e amigo do marquez de Loulé, fez a sua iniciação nos *maillots* de S. Carlos, beijando as pantalonas cor de rosa da bailarina Bruni. O primeiro baile de mascaras verdadeiramente typico que houve em Lisboa, data precisamente d'essa época: realisou-se em 1822, no pateo do Patriarcha, onde era o célebre theatro do Bairro Alto, — êmulo do theatro da

Mouraria nas operas de bonécos do seculo XVIII. Foi esse primeiro baile que marcou entre nós o inicio do Carnaval romantico, — caracterisado essencialmente pela innovação da dança e pela liberdade da mascara.

Até então as mascaras tinham sido sempre rigorosamente prohibidas. Apparecendo pela primeira vez nas procissões, com os seus narizes posiços á moda italiana, entre os farricocos das trombetas

e a cléresia coberta de pluviaes d'oiro, começaram por lesar consideravelmente a gravidade liturgica de semelhantes ceremonias e tiveram de ser prohibidas pelas *Ordenações Philippinas* (liv. 1, tit. 66, § 48). Mas em breve, tendo perturbado a solemnidade do culto, a mascara passou a perturbar a manutenção da ordem. Por volta de 1689, bandos de mascarados, com a cara coberta de ante-faces de velludo á moda florentina, corriam as ruas e viel-



O CARNAVAL EM 1830 — EM GABINETE PARTICULAR



las de Lisboa, pelo Entrudo, e às vezes muito antes do Entrudo, esfaqueando, roubando, violentando mulheres, espalhando o terror e a confusão entre os burguezes das alfurjas, das callejas e dos beccos. D. Pedro II, então rei, viu-se forçado a uma medida violenta, publicando o alvará de fevereiro de 1689, em que se prohibiam totalmente as máscaras, mesmo em occasião de festas, e se determinava que «sendo achado algum mascarado em qualquer parte seja logo preso e sentenciado summariamente dentro de quinze dias, e degradado por tempo de quatro annos para a Africa irremissivelmente, e pague com cruzados para a obra pia dos Engeitados d'aquella cidade, villa ou logar em que tal



UM LEÃO DE 1640... ENTRE DOIS «PIERROT'S»

caria e nas betegas da Madragôa; Arlequim nunca mais emprestou o seu manto multicôr á mafra baixa do Mocambo, perseguida constantemente pela vara dos alcaldes, pelo chuço dos quadrilheiros. Entretanto, uma circumstancia inesperada veio pôr novamente em uso as mascaradas até então prohibidas em Portugal: foi a abertura do cyclo brilhantissimo das touradas reaes, iniciado pelo galante marquez d'Alegrete no reinado d'el-rei D.

José. Os celebres touros do Terreiro do Paço, corridos durante tres longos dias, em agosto de 1752, desluzbraram a cidade inteira com as suas mortes sangrentas,



O CARNAVAL ROMANTICO (1850) — A ULTIMA TAÇA DE CHAMPAGNE

delinquente se achar (Leis Extravagantes, tomo II, pag. 191). D'ahi por diante, diminuíram as mortes praticadas em Lisboa por homens mascarados; os proprios narizes postiços de cêra, á moda italiana, deixaram de acobertar os crimes commetidos mysteriosamente nas viellas da Mou-

com os seus carros sumptuosos, com as bravuras de picaria do Victorino e do Roquette,—e, o que mais nos interessa, com as suas danças e as suas mascaradas. Os narizes vermelhos e as mascaradas



de velludo, que tinham, nos seculos XVI e XVII, invadido os sahimentos proçionaes, e caminhado, quasi debaixo de pallio, entre as filas intremineaves e coguladas da cléresia,—acabaram por

fazer as delicias dos palanques de touros erguidos no Rocio ou no Terreiro do Paço, em Salvaterra ou na Junqueira. Ficaram celebres os gigantes mascarados, de narizes postijos á italiana e maças douradas ao hombro, inventados pelo marquez d'Alegrete para commandar os moços que aguavam o terreiro ao fim de cada morte de touro: a hilaridade que semelhantes caricaturas despertavam nos palanques — tanto entre a nobreza polivhada, como entre a plebe dos eguariços e dos frades — nem mesmo se comprehende hoje, em pleno começo sem sabor do seculo XX. Os gigantes chegaram a ser os verdadeiros reis da praça e faziam

sões, como se tinham prohibido nas ruas (Alvará de 25 de julho de 1765). Quando em 1781 o Embaixador de Hespanha na nossa côrte deu, no antigo palacio da Inquisição, um sumptuoso baile de mascararas solemnizando o ajuste do casamento do principe D. João com a princeza Carlota Joaquina, as mascararas foram ainda expressa e positivamente prohibidas para evitar não só a existencia de intrusos, mas os escandalos dos proprios convidados. A *Gazeta de Lisboa*, jornal official do tempo, explica a prohibição feita: *Nos bilhetes de convile se advertiu que não se levasse mascara na cara, tanto para impedir que alguma pessoa não convidada se introduzisse, como para que reinasse a alegria, franqueza e decoro, e para maior facilidade em patz pouco acostomado a semelhan-*



OS BAILES DO CARNAVAL ROMANTICO (1836)—A FARANDOLÁ PINAL.

às vezes mais successo do que os grandes mestres do toureiro a rojão e da cavallaria de gineta (*Noticia individual*, in *Secção de Hist.*, serie II, 6801). D'ahi, as mascararas estenderam-se abusivamente ás danças de terreiro, que era costume executarem-se no fim das corridas reaes,—dança das espadas, dança das ciganas, dança do rei David, etc.—e por ultimo aos proprios espectadores, que punham ante-faces de velludo e com a impunidade do mysterio commettiam escandalos e ás vezes crimes. A consequencia d'isto foi prohibirem-se as mascararas nos touros, como se tinham prohibido nas precis-

tes divertimentos, se permitiu aos convidados, que não gostassem de apresentar-se em trajos disfarçados, o poderem ir vestidos ao uso commun, contanto que levassem a insignia da mascara em em qualquer parte. O resultado era facil de prever. Pouco educados e pouco preparados para a innovação do *travesti*, com o escrupulo e o acanhamento que a *Gazeta* official previra, os elegantes e os peraltas de 1781 fôram ao baile da embaixada de Hespanha vestidos á época, de casa de seda e cabelleira de rabicho, levand-



do as mascaras — oh, suprema patética portugueza! — presas ao hombro por um laço de fita!

Ora o maior titulo de gloria do Carnaval romantico é precisamente a rehabilitação da mascara. Perseguida durante quatro seculos em Portugal, a mascara veio encontrar no Romantismo completa tolerancia e relativa liberdade. O theatro do Bairro Alto, abrindo em 1823 as suas portas a homens e mulheres mascaradas, e dando o primeiro baile publico de Lisboa, proclamou eloquentemente a rehabilitação social d'esses dois dedos de velludo, conhecidos até então como expediente covarde de assassinos e como recurso extremo de ladrões. A mascari-lha italiana de terciopello ou de seda,



mantico, — o nosso apparece, desde o seu inicio, tumultuoso de crimes e manchado de sangue. Em 1824, o galante marquez de Loulé, convidado por D. João VI para passar o carnaval em Salvaterra, onde se preparava uma representação e um baile de mascaras, é morto pelo cocheiro Leonardo, pelo *Cambações* e pelos eguariços da Rainha, ao sahir do theatro do palacio, e o seu cadaver atirado por uma das janellas para sobre um monte d'entulho. Os assassinos não tiveram de se servir das mascari-lhas curtas de seda, então usadas, para commetter o seu crime em nome da religião, dos corcundas, do frade Lagosta e da serenissima senhora D. Car-



A MASCARA AO SERVIÇO DO AMOR — UM RECANTO DO BAILE (1840)

os narizes ultra-comicos (cavados em papelão pintado, os mentos procidentes e glabros de Polichinello, a que as ordenações do Reino e os alvarás tinham dado caça nas ruas, nas procissões e nas touradas, por intermedio das saltimbarcas dos meirinhos e da vara de prata dos juizes, entraram definitivamente nos theatros e nos bailes, como armas de galanteria e de sedução, de tentação e de mysterio. Todo o prestigio do Carnaval romantico reside na mascara, que intriga, e na dança, que excita. A Opera, em Paris, dá o *la* dos bailes de mascaras e de costumes, sob a influencia dos dois grandes genios do Carnaval francez: Deveria, — os figurinos; Musard, — a dança. Mas ao contrario da relativa placidez e da solemnidade d'obra d'arte que reveste em França o Carnaval ro-

lota Joaquina: bastou-lhes um cobreção, lançado bruscamente pelo ségeiro sobre a cabeça da victima, e uma choupa com que lhe rasgaram e ensanguentaram a face. O Carnaval romantico começava mal entre nós, — mas justo é dizer-se que d'ahi por diante, em S. Carlos ou na *Assemblea Extrangeira*, nos bailes do *Manteigueiro* ou nas festas do palacio do Rato, nunca mais as pantalonas brancas de Pierrot ou o capuz vermelho de Arlequin trouxeram á grave e fidalga Lisboa o escandalo ou o crime. A mascara continuou a ter plena liberdade, tanto nas salas onde se servia caldo de gallinha em Sêves e ouro, como nas ruas onde a malta das collarejas, das rascóas,



dos bolieiros, dos marchantes e dos peraltas fazia voar os ovos de gemma, as laranjas de cheiro, os pões de gomma e os corações de cêra pintada.

Com a reabilitação da mascara, o Carnaval romantico trouxe o delirio da dança. O galantissimo e fidalgo minuet, cheio de rendas e de subtilezas, de polvilhos e de mesuras, lento como os movimentos d'um pavão e sumptuoso como um cortejo real, cedeu o logar á vertigem das walsas e das quadrilhas, em cujas farandolas multicôres e tumultuosas passavam os figurinos imitados dos bailes da Opera de Paris, o Pierrot, o Arlequin, o Polichinello, a Colombina, os typos redivivos da commedia italiana, o *Debordeur*, de Ga-

homens; entretanto, depois, estabeleceu-se uma bem entendida tolerancia, e pelas fidalgas portas de S. Carlos entraram largamente os mascarados d'ambos os sexos, sem que alguma ordem importuna lhes tolhesse o passo. D'ahi por diante, a nossa Opera, o palco tradicional onde galanteára El-Rei Junot, de golla bordada de palmas d'ouro e chambré em punho, commandando bailarinas como quem commanda esquadões de cavallos, continuou a abrir-se ao delirio dos bailes romanticos, amplamente, confiadamente, vindo as bailarinas e as primadonas, — entre ellas a propria Boccabadati (1841) — em



O REGRESSO DO BAILE—O SONNO DE PIERROT (1840)

varni, o *Mayeur* de Traviès, todas as creações diabolicas e suggestivas de Achilles Deveria, que bailavam, e pulavam, e cabriolavam rythmadamente, movidos pela batuta d'oiro d'esse *virtuose*, d'esse Pagannini da dança que se chamou—Musard. O baile de 1823, no theatro do Bairro Alto, foi, é certo, o primeiro em que se permitiram as mascaras; mas o verdadeiro baile publico *costumé et masque* realiado em Lisboa segundo as tradições da Opera de Paris, foi o baile do Lodi em S. Carlos, em fevereiro de 1836. Por um anachronismo inexplicavel, ou pelo receio de que os odios e as paixões politicas utilisassem a mascara, a Intendencia de policia quiz prohibir os ante-faces de velludo, pelo menos nos

maillot côr de rosa ou com o guarda-roupa da ultima opera, iniciar na sala a serie vertiginosa das walsas, com uma *loup* de velludo sobre a face e uma *écharpe* de musselina pelos hombros... No meio da agitação politica do tempo, a dança tomou em Portugal um incremento extraordinario. O Carnaval romantico foi uma verdadeira vertigem: Não era apenas S. Carlos, não eram apenas os theatros de Lisboa que se abriam n'esse periodo quasi epileptico do «deus á carne»: eram os grandes salões da aristocracia, ou antes, da plutocracia liberal, onde a mocidade dourada passeava o seu espartilho de abelha e onde as leões byronnianas, vestidas de



comateurs d'été ou de organdi
côr de rosa, ensaiavam a pri-
meira «polka», sob a poeira de
ouro dos lustres, ao rythmo da
batuta alegre do Frondoni. O

baile *masqué* dos marquezes de Vian-
na, dado no seu palacio do Rato no
domingo gordo de 1843, marcou en-
tre nós o apogeu do Carnaval do libe-
ralismo. Na ultima farandola, já ao
clarão azulado da madrugada, desfilaram *au grand galop*, na ampla sala
Luiz XV, ao gemido das rabecas e

dos pianos, cabeças de
girafa e bustos de cartas
hamburguezas, mitras d'ouro
e cabaías de Pekim, cabel-
leiras empoadas e gorros de
Mephistopheles, capuzes de
frade e chapéus à Lambal-
le...

O Carnaval romantico, d'uma
obra de libertação, tornára-se uma
obra d'arte.

I. D.



COMO IA AOS BAILES «MASQUÉS» DO FARROBO UMA ELEGANTE DE 1840

MUZA D'ENTRUDO



«Ne vous fachez pas, Messieurs
les artistes!»

Ramalho Ortigão

Quando elle passa
Quando elle vem,
Puxando a sua fumaça
N'um charuto de vintem,
Chapéu fino d'Inglaterra
E luneta de cordão,
Vibra o solo, treme a terra,
—Debaixo do seu taçõ!...

Quando elle passa,
Quando elle vem,
Alto, solemne, grisalho,
Com aquelle *aplomb* que tem,
Diz-se em torno: —Olha o Ramalho!...
E tu lo pasma, tudo embaça,
Quando elle passa,
Quando elle vem.

As perturbações são tantas,
São de tão variados modos
Que nem nas peças do Dantas...

Os áhs! os hós! os his! ouvem-se a rôdos,

Os fructos caem das plantas,

— E os pardaes sujam-se todos!



D. João da Camara

Escuro como breu. Barbado. Usa lunetas
E é meticoloso, attencioso, exacto.

Escreveu varias op'retas
Com o Gervasio Lobato.

Traz o chapéu, um chapellino, um têsto,
A' banda, sobre a trunfa encapellada e negra.

E' auctor do *Affonso VI*.
E' auctor da *Toutnegra*.

Quer bem a toda a gente. A todos acarinha,
Sejam embora azues, ou brancos, ou vermelhos.

Fez a *Triste Viuvinha*,
Além d'isso fez *Os Velhos*.

Faltava-me falar d'outro signal que
tem:
Possue uma barriga arqueada, franciscana.

Fez o *Pantano* tambem,
Peça que deu em pantana...

Que resta enumerar? Não quero
ser omisso.
Artigos no *Occidente* e...? A *Meia Noite*. E' isso.

Não a entenderam. Que pena!
Pois permitam-me a franqueza:
Obra do valor d'ella, inda a não vi na scena
Em linguagem portugueza.

A elle nunca lh'o ouvi.
Que elle nunca fala em tal;
Mas affirmam por ahi
Que é Rohan, Mon'morency
E que tem sangue real.

Nota final:

Conversa sempre em tom pianissimo
Em segredo, com unção...

— Como alguém que estivesse em frente do
Santissimo
E dissesse uma phrase ácêrca do sermão.

Gualdino Gomes

Alma democritina;
Corpo de D. Quixote;
Barbicha ponteaguda, espessa e fina;
Um vidro grande como um olophote
N'um dos olhos (talvez que no sinistro):
E uma linguinha que eu, sendo ministro
Dos negocios da guerra, a incluiria
No mat'rial d'artilharia.



Porque a sua lingua é
Uma metralhadora
Mais devastadora
—Que as Krup, as Armstrong, ou as Canet!



Júlio Dantas

Fez este *portrait-charge* uma menina
De quadris d'amphora etrusca
E apparencias d'androgyna.
E' nevropatha, histerica, patusca.
Tem a conversa livre d'um rapaz.
Lê o *Decameron* em italiano.
Pertence á Liga da Paz.
Detesta as valsas, aborrece o piano.
Assenta-se de lado nas cadeiras.
Vae a todas as «primeiras».
Constella os dedos de diamantes Bera.
Tem noivo, mas embirra d'atural-o
E acha que a *Severa*
E' uma peça d'estalo.

«Apollo e Marte. Militar e artista.
«Esguio. Pallido. Desempenado.
«(Mas como sou anti-militarista
«Não gósto nada de o encontrar fardado).

«As guias do bigode são compridas
«Em excesso e espalhadas, retorcidas.
«Bem podia cuidar
«De mandar aparal-as;
«Porque lhe dão, assim, a modo um ar
«De traga ballas
«De chocolate *Mennier*.

«Lindos olhos. (Porém não sei porquê
«Acho-os, para um rapaz, lindos de mais.
«A gente vê-os e o coração reage.
«Parecem duas edições eguaes
«Do septimo volume do *Bocage*
«—Impregnadas de camphora...»

Assim disse, tal e qual,
A rapariga de quadris em amphora.

Descreveu bem? Descreveu mal
O Rostan'zinho portuguez?

Lá isso não é commigo.
Nem commigo... Nem commigo
—Oh pateta que me lê!...



Silva Pinto

Grenha cinzenta. Lúzio incendiado.
Talento. Caturrice. Pouca sorte.
Coração de creança, conservado
—Em vinagre forte.

Artigos com assumpto já previsto:

Quando eu isto...

Quando eu aquillo...

Um dia o Camillo...

Se acaso n'esta «scie» descança e pára
Façam boneca!—Vae fallar da Sara.



Lopes de Mendonça

Sobe a Calçada da Gloria
Está na berra. Está em foco.

Restauro heroes da nossa historia,
Pondo-os de frak e chapéu coov.
E' marinheiro. Foi a Moçambique
—E conseguiu voltar sem ir a pique!

Abordou tambem ás ilhas
E foi elle quem primeiro
Marcou na carta a ponta de Cacilhas
E descobriu a villa do Barreiro.

Foi ao porto de Dunkerque
E foi ao Porto-Pyreu.

Fez o *Affonso d'Albuquerque*
Fez o *Duque de Vizen*.

E tem — para fazer — outras porções
D'heroes em femca e d'heroes em macho:
Dez reis. Cinco rainhas. O Camões
—E o digno par Dantas Baracho...

(Continua)

AUGUSTO GIL.



TRISTE FADO

que passa cantando quaes-
simer versos da luzitanis-
sima canção:

*Quando o fado é rigoroso,
Nada vale ao infeliz,
Nunca ninguém alcançou
O que a Fortuna não quiz...*

O fado tem duas phases perfeitamente distinctas: a popular e espontanea ou a orthodoxa, e a aristocratica e litterari ou a heterodoxa. Por isso, os cantadores antigos estão para os de hoje em dia como o quartzo aurifero está para o ouro cinzelado, como o diamante naife está para o diamante polido.

A primeira cantadora que conquistou fóros de celebridade foi Maria Severa, uma Lesbia da ganapia, sombra pallida que revolteia atravez da bruma da historia e da lenda, como as sombras elyseas dos amantes, que enrolam e desenrolam a sua espyral gemente no segundo circulo do inferno dantesco.

Foi ella a primeira que melhor nos veiu dizer, mediante os apaixonados accentos da triste canção todo o encanto invencivel, toda a graça amaviosa, toda a grandeza pathetica, da mais bella, mais tyrannica e mais absorbente das paixões humanas — o Amor. A sua voz, molhada no caracão da taberna da Rosaria dos oculos, a sua voz de cantarina de encruzilhada, ascendia victoriosamente a escala de filigrana de prata dos fadinhos seus contemporaneos, e seria capaz de levantar os mortos das sepulturas, de fazer sahir dos seus tumulos as proprias freiras do Roberto do Diabo. N'essa epoca, os nomes da Severa e do conde de Vimioso appareceram ligados como os dois polos de uma pilha de Bunsen.

Morta a Severa, a sua realeza de pacotilha passou, successivamente, em herança á Custodia e á Cesaria, que possuiam garganta de crystal, mas que, á maneira de Sapho e de Aspasia, proclamavam a idolatria das voluptuosidades e o desdem do pudor, que é o sexo moral da mulher, como a honra é o sexo moral do homem. E as vozes d'estas cantatrizes de cutilliquê pareciam possuir a força talismantica de, como Orpheu, acausar tigres, ou, como Amphion, erguer muralhas.

Par a par do fado da primeira maneira, appareceu o fado politico. O primeiro fado politico veiu á luz da publicidade, dois annos depois da Severa ter abandonado, para sem-

Lisboa é a metropole do fado, como Paris é a metropole

do prazer e Roma a das recordações. O fado é germinamente alfacinha e succedeu legitimamente ás cheganças, ao oitavado, á arrepia, ao cubê, ao batuque, á comporta, ao lundum, ao fandango e á fôfa ou chula, que tanto deu no gôto ao viajante Dumouriez, quando nos visitou em 1766, assim como o interessaram as modinhas, que, vinte e um annos depois, deviam impressionar o talentoso William Beckford.

No fado, parece palpitar a aspiração eterna da nossa alma para o Absoluto e para o Ideal.

Ao ouvi-lo, como que nos sentimos transportados ás regiões do Oriente mysterioso, com as suas voluptuosidades exhaustivas, o seu sentimento do nada, o seu mysticismo intenso, a sua poesia sublime, o seu céu profundo como a eternidade, e as suas noites que florescem com a frescura scintilante e perlada de um orvalho de estrelas. No fado, parece latejar a nossa vida, com os seus soffrimentos, os seus soluços e as suas amarguras do prazer, essas amarguras já cantadas no *de Rerum natura* pelo epicurista Lucrecio, que foi o poeta da antiguidade, que mais profundamente sondou os abysmos da paixão. E quando, por horas mortas, os accordes do fado irrompem d'esses estabelecimentos dyonisiacos, a que chamamos boteguins, a nossa alma sente-se envolta nos crépes da melancholia, que é o crepusculo da dôr. Quanta tristeza tambem nos não infunde, quando, pela calada da noite, escutam os sons finos e limpidos da guitarra, acompanhando a voz sentimental do cantor,

pre, a atmosphera microbiana do gineceu lutulento da rua do Capellão, n.º 36, por onde transitaram os catimões que costeavam os recifes perigosos da pólicia correcional.

Foi moldado sobre o fado da Severa, intitulado-se fado do José dos Conegos e era, por assim dizer, um echo morredico dos clamores revolucionarios da Maria C. Fonte:

*Oh cabralistas chorae,
O ladrão emudeceu,
Derramae copioso pranto,
O Estandarte já morreu!*



*A primeira casa onde morou a Severa
e onde nasceu o fado popular*

*Ponde no braço da banza
Um laço de negro fumo,
Que este signal indique
Que José perdeu o rumo.*

*Erguei-lhe um monumento
Com verde cypreste ao lado,
C'um epitaphio que diga:
Aqui jaz um descarado.*

*Lá nos quintos infernaes
Com a gazona na mão,
Farás demos cabralistas,
Porás tudo em confusão.*

*O gaúo Caichoneiro
Grande golpe soffreu,
No dia em que se disse:
O Estandarte já morreu!**

Em 58, appareceu outro fado politico, parodiado do da Severa e dirigido ao Sampaio da Revolução, depois dos regeneradores terem apanhado um quinau dos historicos nas eleições municipaes:

*Choremos, luzas, choremos,
Que o Sampaio já morreu,
Nos braços do Zé Calval
O final suspiro deu.*

*E o Antonio de Thonar
Amargo pranto verteu,
Quando o mano Ze lhe aisse:
O Sampaio já morreu!*

*Corre logo á sepultura,
O paucado tudo lá vé,
E diz-lhe: Adeus, ó amigo,
Granae traste foi voe!*

*Té mesmo depois de morto,
Heroe da colligação,
Conforme lhe fizer conta,
Dirá sim ou dirá não.*

*Chorae, chorae cabralistas,
Que o Sampaio já morreu,
Passon d'esta p'ra melhor,
Logo que a eleição perdeu.*

Em janeiro de 62, appareceu mais outro fado politico contra o ministerio Loulé-Lobo de Avila:

*Fadistas do ministerio,
Pegae da banza sebedo,
Despresae esse criterio
Da matulla rabugenta.*

*Torradinhas com manteiga,
O caldo está entornado,
Eu dei sempre o cazaginho
Por ouvir cantar o fado.*

*Quem quizer vér um fadinho,
Cantado por bons fadistas,
Vá ter com um marquezinho,
Que é chefe dos lazaristas.*

Em 69, appareceu o fadinho da fusão, satyra em decimas glosadas ao ministerio da fusão, Aguiar-Fontes-Casal, que caiu com a Janeirinha, em 4 de janeiro, e que foi substituido pelo ministerio do Avila Pardo, que, por seu turno, foi rendido pelo ministerio reformista Sá da Bandeira-



Bispo de Vizeu, o mesmo que se viu a braços com a decantada questão ibérica:

*Chorae, comilões, chorae,
Que a tal Fusão já morreu,
Cruelmente assassinada
Pelo bispo de Vizeu.*

*A turba de mandriões,
Que só berra, bebe e come,
Que a triste vida consome
Do Vallada nos salões!
Eil-os ahí, os chorões,
Agarradinhos ao paé,
E quando a baba lhes cae,
O pozinho grita em côro:
Temos pena de tal chôro,
Chorae, comilões, chorae!*

*Vae faltar-vos a papaça,
Vae fundar a vida airada,
«O paé da rapaziada»,
Ficou em meio da dança:
Foi ao Paço com chibança
Contra o bispo de Vizeu,
Fez figura de sandeu
O tal beato fingido,
E ficou bem convencido
Que a tal Fusão já morreu.*

*Ai, Fusão, nossa Fusão,
Usar vaeis pobres tamancos,
Pois as manobras de Tancos
De certo não voltarão:
Qual de nós mais mandrião,
Qual de nós maior empada,
A nossa grande manada
Que a tripa forra comia,
Está na ultima agonia,
Cruelmente assassinada.*

*Venha o Ribeiro Casal,
Venha o Fontes e o Ferrão,
E o Vallada Tubarão,
Acudir ao nosso mal;
Este bello Portugal,
O' Fusão, não era teu?
Oh! quem tudo thes comeu,
A' sombra de tal partido,
Ha de ser hoje comido
Pelo bispo de Vizeu.*

A segunda epoca do *fado* começa com o celebre Caetano Calcinhas, um cantor educado na escola das cigarras parnasianas, e com o magistral guitarrista João Maria dos Anjos, de cuja guitarra brotavam as notas meigas como os beijos que as deusas deixavam cair dos seus castos lábios sobre a fronte dos Endymíões adormecidos. Desde então, o *fado* vae lenta-

mente cambiando para o *genero fino*, e, da mesma forma que a viola no seculo XVIII, a guitarra entra triumphantemente nas salas, onde o *fado* se encontra tanto a seu gosto como um passarinho sob a tepidez de um halito.

N'esta epoca, as cantadoras consagradas nos altares da gloria fadista, são a *Borboleta*, a Anna do Porto, a Maria José do Galvão, a Maria José Loira e outras divas chulas, cujos *faits et gestes* commoveram a chronica dissoluta do Bairro Alto, mas em cujas glottes o *fado* se convulsava em hysterismos sensuaes, desfallecia em indolencias morbidas e expirava n'uma tristeza voluptuosa e caçada. Os rouxinões do *fadinho* são o Damas, o Bagre, o Pedro Banana e outros, mais tarde su-



Porta da casa da Severa, no Capellão

bstituídos pelas vozes elegiacas do José Maior, do Ribeirinho, do Serrano, do Hy-lario, do Sepulveda, do Romeu Amami, do Marinho, do Octavio Vecchi e de outros, que, em breve prazo, angariaram a bemquerença dos hyper-criticos d'essa canção, que se impõe ao sentimento com a força dominadora, com que o *imperatício categorico* se impõe á vontade no criticismo kantista.

Á phase aristocratica e litteraria, pertence o seguinte *fado*, glosado pelo insigne escriptor, sr. José Antonio de Freitas,



sobre um motte dado pelo conselheiro Sete, antigo director da secretaria do reino. O seu auctor escreveu-o ha trinta e tantos annos em casa dos condes das Galveias, em Cascaes, no quarto de seu filho primogenito, D. Pedro Lobo de Almeida Mello e Castro, hoje fallecido. Foi cantado, pela primeira vez, em uma linda madrugada de setembro, sobre a ponte das Cascaes, por José de Saldanha Ferreira Pinto Bastos, acompanhado á guitarra por D. Fernando de Castello-Branco (Pombeiro), servindo de ponto a author dos versos. Para a comprehensão d'este fado, temos de dar as seguintes explicações: «o saboroso Simão» é o actual barão de Sabroso, «a minha tia adorada» era a baroneza de Sabroso, mãe d'aquelle, «avô» era o sr. Santiago, pae da



A segunda casa da Severa na rua das Amoreiras

baroneza, «a Silva Carvalho» é a actual sr.^a viscondessa da Silva Carvalho, «Olympia Rodovalho» era a filha do almirante Rodovalho, casada com o Alves Carapinha, e «a patusca Andaluz» era a sr.^a viscondessa de Andaluz. Segue-se o fado:

*Com licença do convento,
Vim meu paiz visitar,
E dispôr o pensamento
P'ra depois ali voltar.*

*Eu amo o triste fadinho,
Morro pelas patuscadas,
E, após as festas sagradas,
Eu gosto d'um montesinho.
Adoro o tocar mansinho*

*Da guitarra, esse instrumento
De tão grato sentimento,
Que, por ouvir-lhe a harmonia,
Deixei a Britannia fria,
Com licença do convento.*

*De Cintra, eu amo em Abril
As flores e os castanhaes,
Amo a praia de Cascaes
E o pinheiral do Estoril.
Sentindo saudades mil
D'estes encantos sem par,
Desejosa d'abraçar
Avô, parentes e amigas,
E ouvir do fado as cantigas,
Vim meu paiz visitar.*

*Ao Tejo, quando chegada,
Eu vi com satisfação,
O «saboroso» Simão
E a minha tia adorada,
Quasi me senti inclinada
A não voltar ao convento.
Porém persisti no intento,
Quando li as orações,
Para ao céu pedir perdões
E dispôr o pensamento.*

*Suave seria a cruz,
Se fôsse a Silva Carvalho,
Mais a Olympia Rodovalho,
Mais a patusca Andaluz.
Era um pagode de truz!
E se as freiras a rezar,
Guitarra ouvissem tocar,
Do côro devagarinho
Vinham cantar o fadinho,
P'ra depois ali voltar.*

Nos ultimos annos, o fado mudou de rumo. Encheu-se de prosapia, deu-se ares de um figurão que aspira a medir-se pela craveira heraldica. Mas, seja como for, a hypocrita civilização do seculo XX não logrará fazel-o sumir no vortice da moda. Porque o fado, a mésta canção que se humedece em essencia de lagrimas, é a mais portugueza das canções portuguezas. Porque, nas suas notas dolentes, perpassa o espirito embalsamado das nossas flôres, suspiram as brisas salgadas do nosso Tejo, estampa-se a tristeza scisnadora da nossa paizagem extremenha, reflecte-se a expressão intima das nossas almas, isso que o scepticismo de Pascal chamaria — o absoluto da consciencia real.

FINTE DE CARVALHO (TINOP).





A REAL BIBLIOTHECA DA AJUDA

REVISTA

Subindo este comprido calvario da calçada d'Ajuda, para o que é preciso ter bom jarrete e melhor pulmão, eu levava os olhos postos no palacio, que no alto brilhava pedras iluminadas de sol.

Tinha a impressão de que elle subia tambem adiante de mim, para o céu azul que n'esta hora calma do meio dia se revestia de uma augusta serenidade. Mas quando, na ultima *étape* d'essa tormentosa e angustiada subida, eu parei para tomar folego e me voltei para colher de um só golpe de vista o panorama, fiquei ali cinco minutos, n'um deslumbramento. Toda a casaria se agachava aos meus pés, com uma humildade que não tinha nada de resignação antes se abria toda n'um sorriso estrellado e colorido, pelos seus telhados de telha vermelha, os vidros das suas claraboias, o rebrilhamento do rio que se estendia n'um esprequeamento voluptuoso, enroscando-se e dobrando-se na manuelina torre de Belém.

O palacio pesa já sobre mim com toda a impaciencia e ma-

gestade do seu granito. A' direita, antes de passar o primeiro arco, uma avenida de palmeiras desdobra uma sombra fresca e silenciosa. A propria sentinella parece mechanicamente mover-se, de espingarda ao hombro, como n'esses velhos e lindos contos da nossa infancia em que ha palacios de fadas, dragões e gryphos adormecidos por um phyltro magico. Atravesso um pateo enorme, encaivado entre quatro faces do edificio, sem tecto, aberto como uma guella de poço; ao fundo, o arco que dá para o largo da Ajuda.

E' n'esse vestibulo, á minha esquerda, quasi dissimulada, n'um canto mais escuro e ainda mais silencioso, que eu leio, n'uma sobre-porta, em letras doiradas: — *Real Bibliotheca d'Ajuda*. Apoio o dede no botão de uma campainha electrica, cujos movimentos ondulatorios se vão certamente despertar muito longe porque não ouço nenhuma

vibração; mas d'ahi a pouco a porta abre-se e sou immediatamente introduzido, — devo tambem dizer com toda a sollicitude e todo o alvoroço. Não digo no-



Capa do «Foral da Villa de Alvito» concedido por el-rei D. Manuel a 20 de novembro de 15168. Codice 54-XII-41

me, não declino profissão: quero simplesmente visitar a Real Bibliotheca, compulsar algumas das suas preciosidades.

Ninguém se admira do meu pedido, — a casa toda é minha, os livros estão todos á minha inteira disposição. Nos vãos das muitas janellas que illuminam as salas tenho mezas, tenho papel, tenho pennas e tinta. Mas tenho mais e melhor que tudo isto: tenho um amabilissimo e erudito cicerone para me guiar através de todo este labyrintho, para me desencantar os mais raros manuscritos, que a sua mão acostumada vai encontrar em tal estante, em determinado logar, com uma segurança que tem alguma coisa de elegante e *coquette*, sem quasi



Principio da 1.^a folha do nobiliario ou livro de linhagem do codice que comprehende o «Cancioneiro da Ajuda»

de saneamento e de catalogação fallarei mais adiante n'este artigo, porque n'este momento



Capa de 3 volumes de musica manuscripta intitulada «Antigono» del sig.^o Giuseppe Sedari — Napoli 1746: Nel R. T. di S. C. 46-V-10 a 48



Capa do codice 51—52—53. «Vida de S. Francisco Xavier» pelo Padre Manuel Pires, professor da rainha de Inglaterra D. Catharina

ter necessidade dos olhos para este trabalho de rebusca.

Esta confiança encanta-me, esta familiaridade attrae a minha attenção, desde o principio gra-

o meu guia começa a fazer-me, para melhor entendimento e mais capaz orientação do meu espirito, a historia da Bibliotheca, que tem atravessado periodos de vicissitude e conta já uma





Fol. 88-v. do códice 50-V-33, ou seja de parte do capítulo 7.º (guerra de Malaca e Moluco) dos «Annaes de D. João III. por Fr. Luiz de Sousa

existencia longa e atribulada de desastres e de sobresaltos.

A sua origem pode attribuir-se a D. Duarte. Successivamente, os seus descendentes foram-a constantemente enriquecendo. Em 1755 encontramos-a installada nos paços da Ribeira; mas a 1 de novembro d'esse anno terrível — o anno do terremoto — os primeiro abalos ateiam por toda a parte a devastação e o incendio. O paço é uma fornalha crepitante. Nada escapa, nada se salva: — todos os impressos, todos os manuscritos se consomem n'essa tragedia rubra. O proprio catalogo dessapparece em cinzas! Não podemos saber o que continha essa famosa bibliotheca. Apenas Barbosa Machado conjecturou que era muito importante.

Mas a mão de ferro do marquez de Pombal pesa immediatamente sobre a pavorosa calamidade, não para a exterminar, não para a debellar, mas para a reparar. O semi-deus a óde a tudo. Lança a reconstrução de Lisboa e lança tambem as bases para a fundação de uma nova Bibliotheca. Organisa uma excellente livraria, installa-a n'um edificio provisório, proximo do velho paço d'Ajuda, quasi pegado á igreja que tambem provisoriamente se erigiu para patriarchal e de que hoje apenas resta uma torre de pé. E, precisamente n'esta altura da narrativa, o alegre carrilhão bate delicadamente a uma hora, tendo o cuidado prévio de nol-o annunciar pelos seus quatro arautos — os quartos — que retinem com uma sonoridade cantante, como quatro alegres pagens que fallassem de amor...

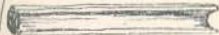
Mas os sinos callam-se e, de novo, nós regressamos ao passado. No projecto do novo paço havia salas para receberem a livraria. Mas esse projecto era de uma vastidão tal e de uma tal magnificencia que, apenas construidos os aposentos indispensaveis para alojamento da familia real, as obras se paralisaram — a bibliotheca continuava, pois, armazenada no edificio provisório, um casarão rectangular, sem nenhuma belleza architectonica, com doze grandes janellas de

vidraça corrida para arejar e dar luz. De 1708 a 1790 (?) encontramos-a confiada á direcção do padre José Caetano.



Pagina 41 do «Cancioneiro da Ajuda», cujas dimensões são 830 44x34,5

Uma das primeiras collecções que alli dearam entrada, (1770-1773) foi a de Diogo Barbosa Machado, o auctor da bibliotheca Lusitana; eram cinco mil e tantos volumes. De 1800 a 1805 é director da livraria



d'Ajuda Francisco José de Serra Xavier. Já então a bibliotheca estava muito augmentada com manuscritos de varias proveniências, mas principalmente com os que haviam sido confiscados aos jesuitas.

A 27 de novembro de 1807, D. João VI embarca para o Brazil.

Leva consigo um carregamento completo de todas as preciosidades do seu palacio, incluindo a bibliotheca real. Quando, no regresso, em 1821, se organiza pela segunda vez a livraria, só havia os manuscritos que o soberano exilado tinha conseguido arrancar das mãos de seu filho o senhor D. Pedro II, o qual só permitira, em ultima instancia, que voltassem os impressos, cujos duplicados formaram a base da bibliotheca da Bahia, sendo os outros acrescentados ao fundo da bibliotheca do Rio de Janeiro. E quantos, tambem, dos manuscritos nos ficaram por lá!

N'esta nova reorganização pediu-se o reforço dos volumes da Mesa da Consciencia e da bibliotheca publica de Lisboa, que

cedeu os seus duplicados. E' seu director Francisco José dos Santos Marrocos (1822-1825). De 1825 a 1834 está á frente da Bibliotheca d'Ajuda o padre José Manuel d'Abreu e Lima. Entram n'este interregno os livros pertencentes ao Collegio dos Nobres. José Fortes Surauva dirige a livraria real de 1834 a 1836; de 1836 a 1837 é o conselheiro doutor Antonio Nunes de Carvalho; e d'este anno até 1830, encontramos ali o padre Antonio Nunes.

Por morte d'este, el-rei D. Fernando, grande protector das artes e das letras portuguezas, querendo dar um alto testemunho da muita admiração que professava por Alexandre Herculano e para collocar o incorruptivel e imparcial historiador ao abrigo de contingencias e na plena independencia do seu eminentissimo e luminoso espirito, confia-lhe a direcção da Real Bibliotheca, que continuava abandonada no mesmo casarão banalissimo, a esmo,

sem catalogação, sem ordem, sem harmonia pelo menos apparente.

Dentro d'aquellas paredes passou Alexandre Herculano o melhor de 38 annos. Alli meditou as suas obras de genio, de camaradagem, apenas, com os preciosos auxiliares manuscritos de que o seu espirito critico e philosophico extrahia todos os materiaes indispensaveis para o levantamento d'esse grande edificio que lhe mereceu e absorveu os seus cuidados mais intensos: — a *Historia de Portugal* e a *Historia da Inquisição em Portugal*. São datadas d'este, já agora, historico *armazem de livros*, as paginas mais fulgurantes e mais gloriosas da litteratura portugueza.

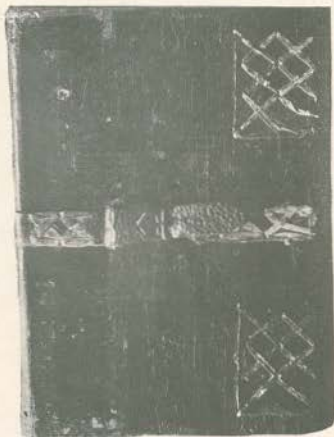
Em 1855, quando da aclamação do senhor D. Pedro V, foram transferidos para a Ajuda todos os livros pertencentes á Congregação do Oratorio que, desde a extincção das ordens religiosas, em 1833, estavam no convento das Necessidades.

A installação continuava a ter um character de *provisorio*; e, por esse facto, os livros eram atirados a esmo, empilhados

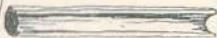
nas salas do pavimento inferior do paço, despejados das carroças sem respeito e sem sollicitude.

Foi el-rei D. Luiz quem, em 1802, por occasião do seu casamento, mudando a sua residencia para o paço d'Ajuda, ordenou que os livros fossem transportados para os quartos terros do edificio onde estava a livraria real. Alexandre Herculano pediu então que fossem arranjados nas estantes, para evitar que a humidade e a traça os corrompesse; e isto se fez, sem ordem nem catalogação. Mas ao menos não se perderam exemplares raros, alguns unicos no mundo!

Morto Alexandre Herculano, é investido na direcção da Bibliotheca o medico do Paço conselheiro dr. José Eduardo de Magalhães Coutinho (1877-1894). Os seus serviços palacianos não lhe permittiam prestar ao seu novo cargo toda a attenção que elle devia merecer. Mas é no periodo da sua direcção que se inau-



Capa de couro com contraforte, do codice 44-XIII-61 — «Fôro de todos os regimentos & provisões das coutadas e montarias que sua magestade tem nestes reinos & senhores de Portugal. Que o Licenciado Heitor Homem Botelho, juiz dellas, mandou fazer, & menos custo das partes, nesta cidade de Lisboa, no mes de Dezembro. De M. D. L. xxxiii»



gura a Bibliotheca actual, — a 10 de junho de 1880 — data do centenario de Camões, — expressamente escolhida por el-rei D. Luiz, que mostrou o maior empenho em que se associasse a essa festa litteraria nacional a inauguração das novas salas da sua livraria, que eram então cinco. No fim da gerencia do dr. Magalhães Coutinho foram accrescentadas as duas salas do fundo.

Em 1895, el-rei D. Carlos confia a sua Bibliotheca a Ramalho Ortigão, seu actual director. O que este illustre escriptor ali tem feito, o ar que conseguiu dar às sete salas, toda esta excellente harmonia de conjunto que nos impressiona logo de entrada, não preciso de o perguntar a ninguém: — tenho-o bem patente diante dos meus olhos. E' uma bibliotheca moderna, arejada, hygienica, onde tudo está no seu lugar, bem arrumado, bem escovado, disposto com essa belleza elegante e despretençiosa que é a feição caracteristica do director. «Ramalho Ortigão, — já eu tive a honra de o escrever um dia — é, de todos os escriptores portuguezes, aquelle que marca uma maior coherencia entre o seu typo physico e a sua conformação espirital. Na sua prosa movimentada e concisa, ondulante e polychroma, transparece a sua galharda figura, equilibrada e sã. Passaram-se já muitos annos; e não só estas mesmas palavras tem ainda uma completa e verdadeira significação, um sentido moral perfeitamente justo; mas, — o que é mais surprehendente! — o eminente escriptor requinta n'estas qualidades, refina n'esta configuração, ou antes n'esta condensação, — e continúa a representar dignamente, imemeritamente, o

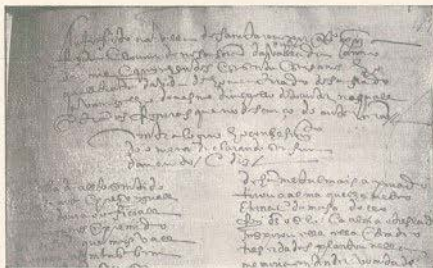


Capa de «Cancioneiro da Ajuda». Sobre este cancionero D. Carolina Michaelis de Vasconcellos publicou recentemente 2 volumes a que em breve se seguirá um terceiro

papel de apostolo moço, contemporaneo de todas as gerações, não querendo de modo nenhum abdicar, ceder ao tempo nada da frescura do seu espirito. O regimen salutar que elle ensinou nas *Farpas*, desancando a golpes de ironia, a revolta orgulhosa e independente dos seus annos de mocidade, prégando a mais profunda e humana verdade, representam na sua mascara de hoje, no seu cerebro e no seu coração o mesmo sentido e a mesma orientação adaptada de intellectualidade.

E' um homem que nunca perdeu o equilibrio litterario como nunca perdeu o equilibrio moral e o equilibrio pessoal: — sempre o mesmo elegante sem *snobismo*, sempre o mesmo vivo e scintillante prosador, com a mesma argucia, talvez, até, com melhores pontos de vista, mais certo, mais fecundo, mais vibrante. Não admira, pois, que esta figura tão completa e tão integra, implicitamente transmita a tudo o que a rodeia uma grande parte da sua personalidade e do seu modo de ser.

Esta Bibliotheca d'Ajuda, que eu percorro maravilhado, é uma das suas filhas mais dilectas. A elle se deve a disposição da livraria, tal como a encontro, — com as prateleiras das estantes todas numeradas, as salas distribuidas em secções: A —



«Auto feito na villa de Santarem» por Antonio Pires á festa e louvor de Nossa Senhora da Porta Vallada, anno de mil quinhetos sessenta e seis annos. O qual trata da vida do homem tirado do sagrado evangelho do mesmo dia... Fol. 127 do codice 50-V-10

Theologia; B — Historia; C e D — Sciencias e Artes; E — Bellas Letras e Dittello; F — Manuscriptos: — regularidade na abertura (10 horas da manhã) e no

encerramento (4 horas da tarde); organização do pessoal: um official da bibliotheca, que é o sr. dr. Jordão A. de Freitas, metuculozo investigador que tem dado os melhores



annos da sua vida ao estudo e á meditação; dois empregados subalternos. Actualmente, trabalha ali na catalogação dos manuscritos, por incumbencia particular d'El-Rei, o sr. Cardoso Bettencourt, conhecido e erudito escriptor que tem vivido a maior parte do seu tempo no estrangeiro e é considerado um dos nossos melhores bibliógrafos.

A livraria real não é publica, no sentido restricto da palavra, isto é, não ha nela nenhuma que obrigue o soberano a patenteal-a; no entanto, El-Rei permite gentilmente a entrada ali a quem quer que seja, para simples visita, para consulta de obras ou para estudo. Não se nega esta permissão a ninguém; nem os proprios manuscritos—tão raros e tão preciosos—avaramente se escondem. E ha, meu Deus, com que contentar os mais exigentes. Ao acaso, citarei alguns que tive a felicidade de percorrer com os olhos e de folhear por minhas proprias mãos: os autographos de musica sacra de Marcos Antonio Portugal; livros do registo das correspondencias da casa professa de S. Roque; Relações politicas de Portugal annotadas por Philippe II; originaes de operas dos primeiros musicos do mundo. N'uma estante, apontam-me 230 volumes de copias feitas nos archivos do Vaticano, no seculo XVIII.

Impossivel enumerar, n'um simples artigo de *magazine*, tudo, ou aproximadamente tudo o que ha ali dentro. São perto de 70:000 volumes! Entre os principaes: o *Cancioneiro do Collegio dos Nobres*, conhecido hoje pelo nome de *Cancioneiro d'Ajuda*; *Vida de Jesus Christo* (1495), o primeiro livro impresso em portuguez por Nicolau de Saxonia e Valentin de Moravia; o *Foral d'Alvito*, assignado por D. Manuel, com uma riquissima encadernação, fechoria de metal amarello lavrado; a *Biblia*, em hespanhol, para uso dos judeus. E' um exemplar rarissimo, porque a Inquisição destruiu tudo quanto cheirava á raça hebraica. Existe apenas outro exemplar, em Madrid, na bibliotheca da sr.^a duquesa d'Alba. O nosso pertenceu a D. Affonso V e depois a D. João IV.

Na secção dos manuscritos, descobriu o sr. Cardoso Bettencourt, recentemente, um auto de Antonio Pires, desconhecido até agora.

Intitula-se: *Auto feito na villa de Santarem por Antonio Pires á festa em louvor de Nossa Senhora. — Anno de 1566, o qual trata da vida do homem.*

E' importantissima a secção dos manuscritos. Tenho na mão um cuja encadernação vale em toda a parte nada menos de 2:000 francos. Pois ninguém o havia de dizer! Mas é um *Grotier*; e este nome basta para valorisar estes dois pedaços de cartão já carcomidos, com o dourado a apagar-se, todo elle a cair em poeira pela traça.

Em livros modernos é a Bibliotheca d'Ajuda muito rica e muito abundante. Estão ali todas as obras que pertenceram ao senhor D. Luiz e as que pertencem a El-Rei D. Carlos. Muitas teem dedicatória.

Napoleão III oferece a sua *Historia de Julio Cesar*, luxuosamente encadernada: «A sua magestade o rei de Portugal, lembrança de amizade. — *Napoleão.*» Ha livros com dedicatorias da rainha Victoria a D. Maria II e a D. Fernando; do rei Oscar da Suecia; e de muitos outros chefes de Estado e das maiores individualidades litterarias do estrangeiro.

Ramalho Ortigão tem já muito adiantado o catalogo da bibliotheca que, por sua ordem e sob a sua immediata fiscalisação, se está elaborando. Para isso, mandou fazer verbetes que teem as seguintes rubricas: *Auctor. — Titulo da obra. — Volumes e formato. — Collocação. — Historia da edição. — Historia do exemplar. — Desenvolvementos bibliographicos.*

O catalogo antigo de 1821, feito pelos padres do Oratorio das Necessidades é magnifico. Mas tem o defeito de se referir ás estantes onde os livros estavam arrecadados. Com a transferencia d'estas e a sua collocação no paço d'Ajuda, todo esse paciente e benedictino trabalho se perdeu e não tem hoje valor nenhum para o effeito da sua procura immediata.

Saio da Real Bibliotheca com a bella satisfação de não ter perdido o meu dia. No largo, olho ainda uma vez para a antiga livraria que evoca imprescindivelmente a figura austera de Alexandre Herculano, e desço pela tapada, enquanto no ar vibra o alegre carrilhão da torre, que na luminosa tarde que desce sobre o rio parece ainda mais alado, mais fresco, mais aristocratico. . .

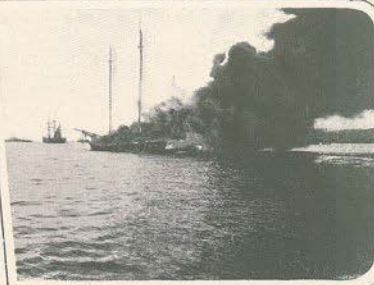
JOSÉ SARKENTO.



Retrato, á penna, de S. Francisco Xavier, pregando aos gentios

Faz parte do manuscrito inédito «Breve compendio da vida e excellencias de S. Francisco Xavier, apostolo do Oriente, pelo padre Manuel Pires, confessor de D. Catharina de Bragança, rainha de Inglaterra, por ordem de quem a escreveu. Este volume é o mesmo que pertenceu áquella rainha





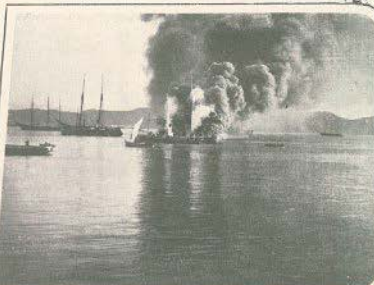
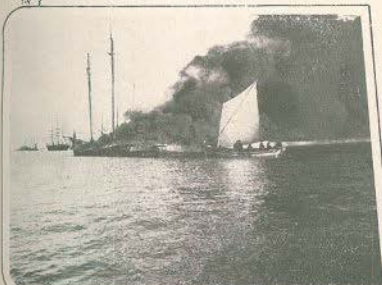
A EXPLOÇÃO A BORDO DO PALHABOTE «NOVO MACHADO»

Pouco depois das 3 horas da tarde do dia 29 de janeiro, em frente do cais onde se acham installados os depositos da *Colônia Oil Company*, um dos muitos barcos que no Tejo completavam o seu carregamento de líquidos explosivos, procedentes dos armazens da referida empresa, foi pasto das chamas, em virude de uma violenta explosão de gazolina succedida a bordo.

Pelo imprevisto do successo, que constituiu um espectáculo verdadeiramente sensacional, acorreu ás duas margens do Tejo uma enorme multidão de povo, a contemp'ar os effeitos theatraes e dramaticos do incendio. O fumo negro e espesso que irrompia em rolos do barco incendiado elevava-se na atmosphera e, impellido pelo vento, corria sobre o rio até ao Terreiro do Paço. Em breve o palhabote, envolto em chammas, era reduzido a um esqueleto de madeiros negros, que, no seu equilibrio milagroso lhe conservavam a forma, com os dons mastros erectos em meio da fumarada, como insensíveis ao fogo. E te desenvolvia-se de pópa á pròa, n'uma irrupção de chammas que tingiam de reflexos as grandes tronxas de fumo e que abarcavam, celeres, os ares.

E' d'este espectáculo impressionador que a «Illustração Portuguesa» dá hoje aos seus leitores quatro interessantes aspectos photographicos.

Clichés de Benodiel





No princípio do século passado, quando governava em Lisboa o senhor intendente geral da policia da côrte, o desembargador Pina Manique, o Entrudo decahiu, vigiado de perto, como um incitamento á desobediencia á revolta. Os meirinhos e sagiões farejavam con-

spirações por toda a parte. De noite, era perigoso aventurar-se uma alma christá, de capote e mascara, pelas ruas tenebrosas da cidade. Cahiam-lhe em cima os quadrilheiros do conde Novion, os ultimos restos das rondas da *chuckadeira* ou as tunas implacaveis dos follões, antepassados dos caceteiros miguelistas, que deixavam o mascarado imprudente com a capa em farrapos, quando o não perseguiram com os estoques até aos lódos do Tejo.

A *pulha* era o jogo predilecto do Entrudo, sob o reinado de D. Maria I. A inventiva maliciosa do portuguez esgotava-se, n'esses tres dias, na combinação de partidas e de mystificações prodigiosas de enredo. Cortar os rabos aos cavallos dos almocreves, na feira das bestas; pregar ao soalho as saias das devotas, nas egrejas; disparar pistolas carregadas de polvora secca ao peito de um amigo, em plena praça publica — eram partidas renovadas todos os annos com successo. Os moleques, escudeiros e lacaios andavam, durante os tres dias, n'uma roda viva, distribuindo em bandejas de prata ou charão, cobertas de toalhas de renda, as lampreias de ovos e os pasteis de Cintra, Odivellas e Tentugal, imitados em gesso, as caixas d'onde saltavam ratos, os embrulhos onde iam certos vasos nocturnos, de faiança do Rato e da Bica do Sapato, ou levando convites para serenins e saras ima-

ginarios, participações de enterros, casamentos e baptisados, recolhendo quasi sempre a casa dos patrões sovados de pontapés ou com a librê em fânicos.

Os fidalgos sabiam nos seus cavallos mais escabreados, perseguiam as saloias, regateiras e capellistas, arancavam perucas a ponta de espadim, batiam ás portas, praticavam impunemente as maiores tropelias, acabando por invadir, montados, em upas e recuadas, os bailes populares, onde se feriam verdadeiras batalhas, entre a flôr da nobreza e a ralé.

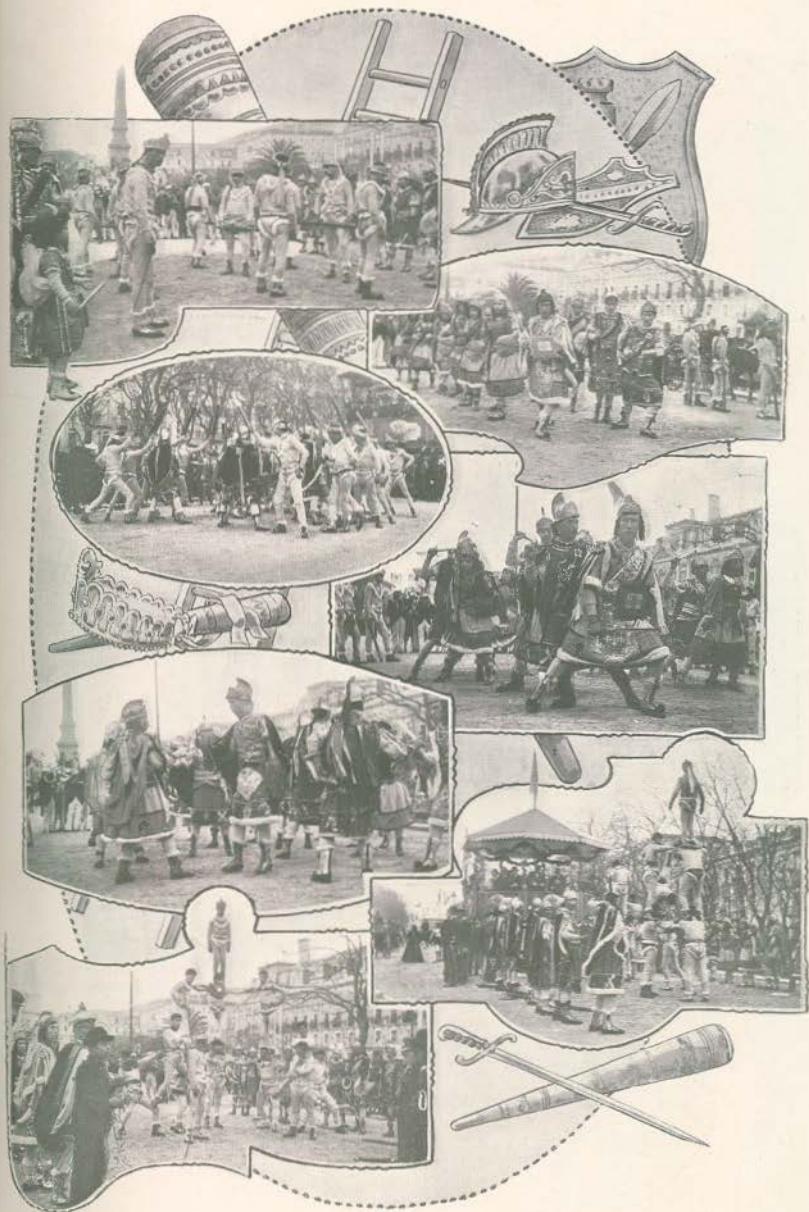
Esse era o Carnaval lisboeta de 1800, no tempo do chapéu de dois bicos, das bengalas de sacarolhas, dos vestidos de cinta curta e dos cothurnos á romana.

Vieram depois as invasões napoleonicas, e o Entrudo, durante annos, foi uma cousa timida, incolor, semsaborona, como se Junot tivesse levado para França, com a Biblia dos Jeronymos, a condessa da Ega e a custodia de Belem, a velha chalaça portugueza. E' preciso que D. Miguel desembarque, usurpe a corôa e inaugure o seu reinado tempestuoso de rei-mariaiva, para que o povo recobre a sua veia hilare, transformando o Entrudo n'um verdadeiro motim de chasco e troça.

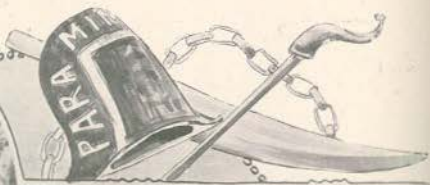
De domingo a terça-feira Gorda, o cacete trabalhava nas costas dos *machados* e as seringas dos alveitares esguichavam liquidos suspeitos á cara indignada dos jacobinos. O Entrudo tomou uma feição accentuadamente politica, foi a verdadeira solemnidade popular do regimen, o *pandemonium* do miguelismo. A imperatriz vinha de Queluz, em sege, animar com o seu sorriso de moribunda as hostes fieis e desbragadas. D. Miguel corria as ruas a galope, com os generaes, os picadores e os seus lacaios mulatos, entre os applausos das mulheres enamoradas e as cantigas irreverentes dos alquilés de nisa vermelha e espora de latão.

Mas, depressa, esse Entrudo miguelista, ultramontano, desordeiro e bellicoso desapareceu e substituiu-o, em represalia, o Entrudo liberal, que lhe herdou a feição politica, creando o *chéché*, admiravel caricatura popular do antigo regimen. Com a sua cabelleira de estôpa, laçarote no rabicho, a comica luneta, o distico obsceno do bicorneo, o fallocão inoffensivo, a bengala retorcida, terminada por um chavelho de bode, a sua casaca de séda, os seus sapatos de fivella, o *chéché* era a synthese ridicula, comicamente vingativa, do tempo do intendente, da inquisição e da forza.

Mais uma vez o genio anonymo do povo se revelara na composição d'essa figura grotesca, que parecia ter sahido do lapis de um caricaturista insigne.



UM ENTRUDO QUE DESAPARECE — A DANÇA DA BICA



OS ULTIMOS CHECHÉS

Brandindo o seu bastão, ameaçando

o povo com a sua faca de pau, o *chêché* ia pela cidade, seguido por grossos magotes, parando em frente aos

palácios dos fidalgos legitimistas, pregando sermões irreverentes e jacobinos, dando vivas à Constituição, ao regente, aos voluntários da Rainha e ao conde de Villa Flor.

O mais terrível e inexorável inimigo do miguelismo passou a ser esse *chêché* obscuro e torpe, que no domingo Gordo desfilava do Bairro Alto, com a sua casaca de abas de bacalbau, o seu rabicho à D. João VI e a sua luneta à Manique. Todos os annos, durante o Entrudo, elle demolia, com a sua faca de pau e as suas facecias grosseiras, o ultimo prestigio da grande nobreza realista. Era ignominioso e terrível. A sombra do seu bicornio chegava à Austria, oscillava nos sonhos do exilado.

Com o dobrar dos annos, depois de sublevações e revoltas sangrentas, o liberalismo foi-se definitivamente enraizando e pacificando, com a sua corte irrequieta de marechais e de duques, até perder a feição revolucionaria. Mas o *chêché* ficou agarrado ao seu bastão de bôbo, erecto nos seus sapatos de fiavela, para fazer o commentario ao cabralismo e dar o braço à Maria da Fonte. O *chêché* passou a exercer uma verdadeira função critica, como inimigo intransigente da tyrannia, ridicularizando os despotas, verberando, nos bochechas da policia, os excessos dos ministros e as truculencias dos dictadores.

Durante quasi um seculo, essa caricatura foi o distinctivo e a originalidade do Entrudo lisboeta, o seu successo, a sua gloria, o seu symbolo. Veneza inventara o domínio; Lisboa inventou o *chêché*. Elle passou de sege de bandeirinha e traquinata, de charola e de throno, como o rei indiscutido do Entrudo, entre a sua corte de velhotas de capote e lenço, arrostando, impávido, o esguicho da seringa, a metralha dos ovos de cheiro, o granizo do tremoço, o edital da policia, o calabouço do governo civil, soberbo e facecioso, com o seu bicornio ás tres pancadas, a sua camisa de lófes, a sua casaca róta de *incroyable*.

Mas, ha uns dez annos, Lisboa principiou a consideral-o indecoroso e pelintra, sem-sabor e reles, indigno de uma capital civilisada. Lisboa já o não comprehendia. Já o punha fóra dos botequins, aos encontros. A policia apoderou-se d'elle. E, sem repararem que essa figura historica e de antiguidade quasi veneravel era o unico producto intencionalmente original de setenta annos de Entrudo lisboeta e ajudara a implantar o liberalismo, substituíram-o por um rei de copas, vestido no guarda-roupa de um theatro e aclamado na Avenida, sob um toldo encarnado, com sanefas amarellas.

Esse dia não foi apenas o da deposição do *chêché*. Foi também o ultimo dia

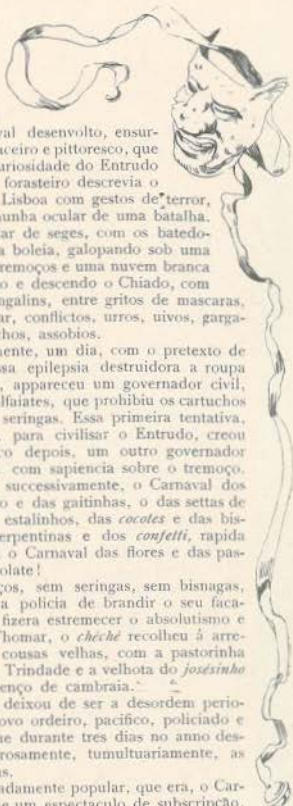
d'esse Carnaval desenvolto, ensurdecedor, arruaceiro e pittoresco, que constituia a curiosidade do Entrudo alfacinha. O forasteiro descrevia o Carnaval de Lisboa com gestos de terror, como a testemunha ocular de uma batalha. Era um desfilar de seges, com os batedores de pé na boleia, galopando sob uma saraivada de tremoços e uma nuvem branca de pós, subido e descendo o Chiado, com sibilar de pingalins, entre gritos de mascaras, bengalas no ar, conflictos, urros, uivos, gargalhadas, esguichos, assobios.

Mas, finalmente, um dia, com o pretexto de defender d'essa epilepsia destruidora a roupa dos cidadãos, appareceu um governador civil, inimigo dos alfaiates, que prohibiu os cartuchos de pós e as seringas. Essa primeira tentativa, ainda timida, para civilisar o Entrudo, creou partido. Pouco depois, um outro governador civil legislava com sapiencia sobre o tremoço. Lisboa teve, successivamente, o Carnaval dos ovos de cheiro e das gaitinhas, o das settas de papel e dos estalinhos, das *coletes* e das bisnagas, das serpentinas e dos *confetti*, rapida evolução para o Carnaval das flores e das pastilhas de chocolate!

Sem tremoços, sem seringas, sem bisnagas, prohibido pela policia de brandir o seu facalhão, que já fizera estremecer o absolutismo e o conde de Thomar, o *chêché* recolheu á arrecadação das cousas velhas, com a pastorinha dos bailes da Trindade e a velhota do *jósinho* encarnado e lenço de cambraia.

O Entrudo deixou de ser a desordem periodica de um povo ordeiro, pacifico, policiado e opprimido, que durante tres dias no anno desafogava rumorosamente, tumultuariamente, as suas amarguras.

De accentuadamente popular, que era, o Carnaval tornou-se um espectáculo de subscrição, com itinerario aprovado pela policia, um programma discutido por commissões de jornalistas, impresso na typographia da Imprensa Nacional, publicado com antecedencia nas gazetas. Ha dez annos, no domingo Gordo, sahia-se de casa com capa impermeavel para os esguichos, um bengalão para os barulhos e um chapéu velho para os cartuchos de pós. Este anno, pôde-se atravessar o Chiado de sobrecasca e cartola, badine e luvas brancas. E' um Carnaval de bons costumes, que sahe para as ruas como quem entra n'uma sala, verdadeiro ensaio geral de um futuro Entrudo hyper-civilisado, que distribuirá premios á virtude e ao bom comportamento, a quem exulte com esta transformação radical da velha *kermesse* popular das cegadas e da dança da Bica, d'esse annual accesso de loucura, a que se vestiu um collete de forças, e attribuem-na á intervenção das classes elevadas, que chamaram a si a tarefa benemerita de ensinar o povo a divertir-se. Mas o povo é uma creança endiabrada, que reduz systematicamente a estilhas, depois da primeira hora de curiosidade contemplativa, os bonecos frageis e delicados que lhe dão. Pódem multiplicar os cortejos. O povo ha de olhar sempre para elles desconfiado. Pódem tapetar as ruas de odo-





A DANÇA DA BICA

ríferas violetas. O povo há de lembrar-se sempre, com saudade, do tremçoço nauseabundo. O povo não sabe brincar com flores. Proibindo-lhe o uso dos tremçoços, fez-se cessar, imediatamente, a sua colaboração no Entrudo. De actor, o povo passou a espectador. Despossaram-o, pela brandura, da sua derradeira regalia. O Carnaval era antigamente d'elle. Era o povo quem fazia as honras da festa, quem a promovia e era d'ella mordomo. Tiraram-lhe a vara e enxotaram-o. Em termos brandos, com fallinhas mansas, arrancaram-lhe a última liberdade, que ainda lhe restava: a de se divertir tres dias por anno. O povo submetteu-se, mas

o novo Carnaval tem de contar com a sua cruz: acerba e implacavel. Como espectador, cabe-lhe o direito de patear. E foi o que succedeu. O povo pateou, furiosamente, ruidosamente, inexoravelmente!

O antigo Entrudo lisboeta, arruaceiro e popular, tinha tradições, que não se substituem com facilidade.

Producto genuino de uma cidade iconoclastica por excellencia, esse Entrudo podia resentir-se da falta de delicadeza, de uma excessiva brutalidade: até, mas era original e pittoresco. A fidalguia, se não tinha adoptado, sancionara-o, transigira com elle. O povo recebera as mais perigosas lições do marquez de Nisa, do conde de Vimioso, de D. João de Menezes, de Duarte de Sá, de Souto-Maior, d'essas gerações de janotas esturdios e alegres, com o sangue na guelra e o espirito na ponta da lingua, que nos bailes do marquez de Vianna, como nos bailes do Club do Carmo, nas ruas como nos salões, davam á fidalguia e ao povo o exemplo intrepido de uma alegria, que não se rendia nos cabellos brancos nem á ruina. Pretender condemnar o Entrudo popular de Lisboa, contrapondo-lhe o Entrudo aristocrata, é recorrer a uma argumentação inhabil, que o absolve.





ASPECTOS DO CARNAVAL DE 1898



A fidalguia lisboeta foi quasi desbocadacomo o povo. A irreverencia, n'estes tres dias, era commum a ambos. A sua originalidade consistia na sua indisciplina.

E de tal forma o povo ensinava a nobreza, que o letricio dos *chêches* era repetido nas salas *vieille roche* pelas mais delicadas boquinhas feminis... Ainda ha quatro annos, em S. Carlos, como protesto ás medidas repressivas de um governador civil, que pretendeu impôr um Carnaval com etiquetas, um Carnaval de beijamão, se viu a mais fina flor da aristocracia lisboeta jogar de camarote a canariote com os croquettes de galinha do buflete e inundar-se com esguichos de syphão, á vista da familia real.

N'essa recita celebre, o sr. conde de Tattenbach, ministro do imperio allemão, depois de consumidos os croquettes, arremessava fatias de queijo Gruyère ás senhoras do corpo diplomatico e os janotas despejavam gazozas nos decotes das fidalgas! Mas foi o canto do cysne do velho Entrudo. O sr. Pacini castigava no dia seguinte, em nome da civilisação, essa nobreza tumultuaria, fazendo-a sentar nas cadeiras enfileiradas e calcar com os sapatinhos de setim os destroços dos croquettes. O protesto contra a reprimenda foi ruído, mas a lição foi decisiva. Sem faltar á verdade se pôde dizer que ao sr. Pacini se deve, em grande parte, a regeneração do velho Entrudo desastinado da capital.

Reprehendida, censurada, ensaiada e viçada, Lisboa deu-nos a primeira recita de um Entrudo civilisadissimo. A estreia resentiu-se da timidez natural aos debutantes. A scenographia da grande magica era pobre, o guarda-roupa mais pobre ainda. O publico numerosissimo, que á noite encheu as ruas para assistir ao prologo da maravilhosa funcção, dispersou em chacotas e vaías irreverentes, depois de vêr passar um cortejo nocturno, com oito campinos a cavallo, do sr. Marquez de Castello-Melhor, em redor de uma zorra decorada com papel de sêda cor de rosa.

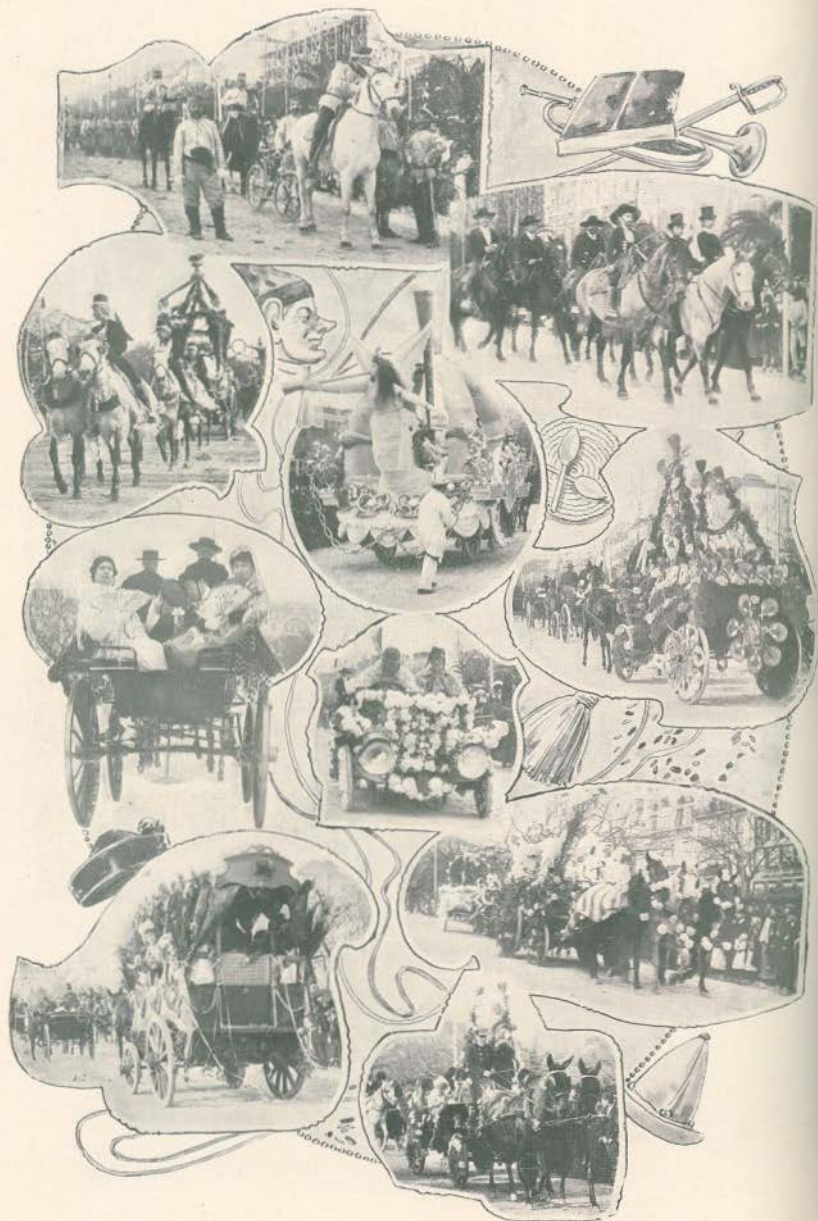
Animado com a derrota, o velho *chêché* esfregou as mãos, calçou os seus sapatos de fivella, abriu a gaveta onde guardava o grotesco bicornio, a casaca de sêda e os calções com fundilhos. Mas na manhã de domingo, a Avenida appareceu com tres coretos, vinte bandeiras, vedada com arames de zinco. A mesma multidão da vespera sahio para as ruas, pacatamente, em trajes domingueiros.

O *chêché* tremeu de susto, fechou outra vez a gaveta. Os primeiros trens começaram a descer o Chiado, lentos, sem pressa. Os teríveis batedores, de chapéu desabado e

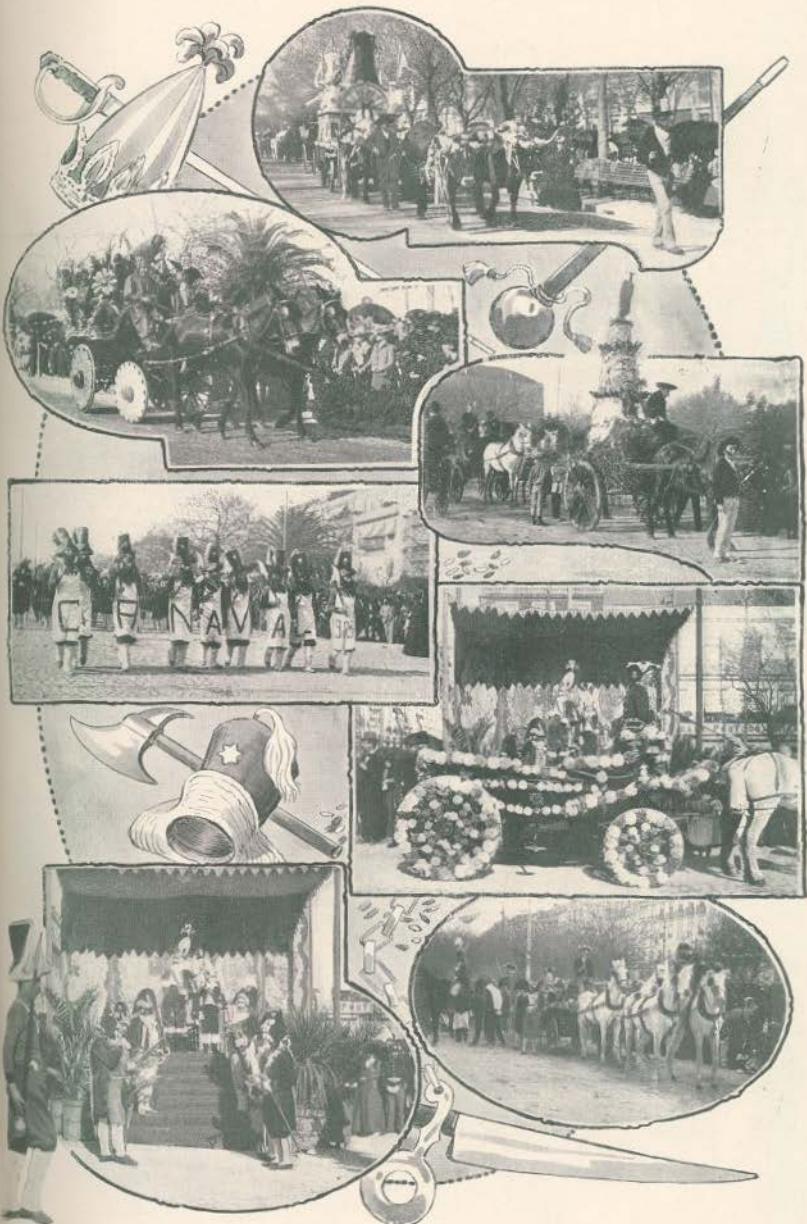
calças em bocca de sino, mascarados em cocheiros da Companhia, de cartola e sobrecasaca de botões amarellas, bocejavam nas boleias. Os espectadores comprimiam-se nos passeios. Nem um grito alegre se elevava entre aquelle zum-zum de colmeia. De tempos a tempos, um semsaborão soprava n'uma gaita, uma creança fazia girar uma matraca. De uma varanda do Chiado, tres bailarinas de S. Carlos, com flores lilazes e amarellas nos cabellos, atravavam, de hora a hora, um raminho de violetas. Havia momentos em que, sob o toldo multicolor de serpentinas e papoulas de papel, que se agitava e balouçava sobre a rua ingreme, as duas filas de trens pareciam as caudas de dois enterros, caminhando em sentido inverso. Nuvens de papelinhos escarlates voavam, como enxames de insectos. E apenas a passagem do automovel do sr. Jorge Burnay, transformado em navio, n'uma decoraçao lindissima de flores brancas e cor de rosa, e a passagem do actor Alfredo de Carvalho, de *D. Quixote*, seguido do actor Caetano Reis, de *Sancho Pança*, animaram por um instante a multidão silenciosa e pasmada, que se curvava para apanhar algum raro saquinho de amendoas, deixado cair das janellas por uma prodiga e distrahida mão enluvada, como uma esmola indigesta, atirada ao povo, em premio do seu bom comportamento...

Á hora da ceia, o velho *chêché* tinha já decidido ir aos bailes. Deitados os pequenos, passou a fazer a sua *toilette*, pôz a cabeleira de estopa, enfiou os calções e a casaca, enterrou o bicornio na cabeça. Infelizmente, era tarde. Quando chegou ao baile do D. Amelia, já tinha morrido uma pobre mulher... de tédio! Essa morte, que entristeceu o *chêché*, foi o *clou* macabro d'esse entrudo das rosas e das violetas, na parte do programma destinado ao regosijo popular.

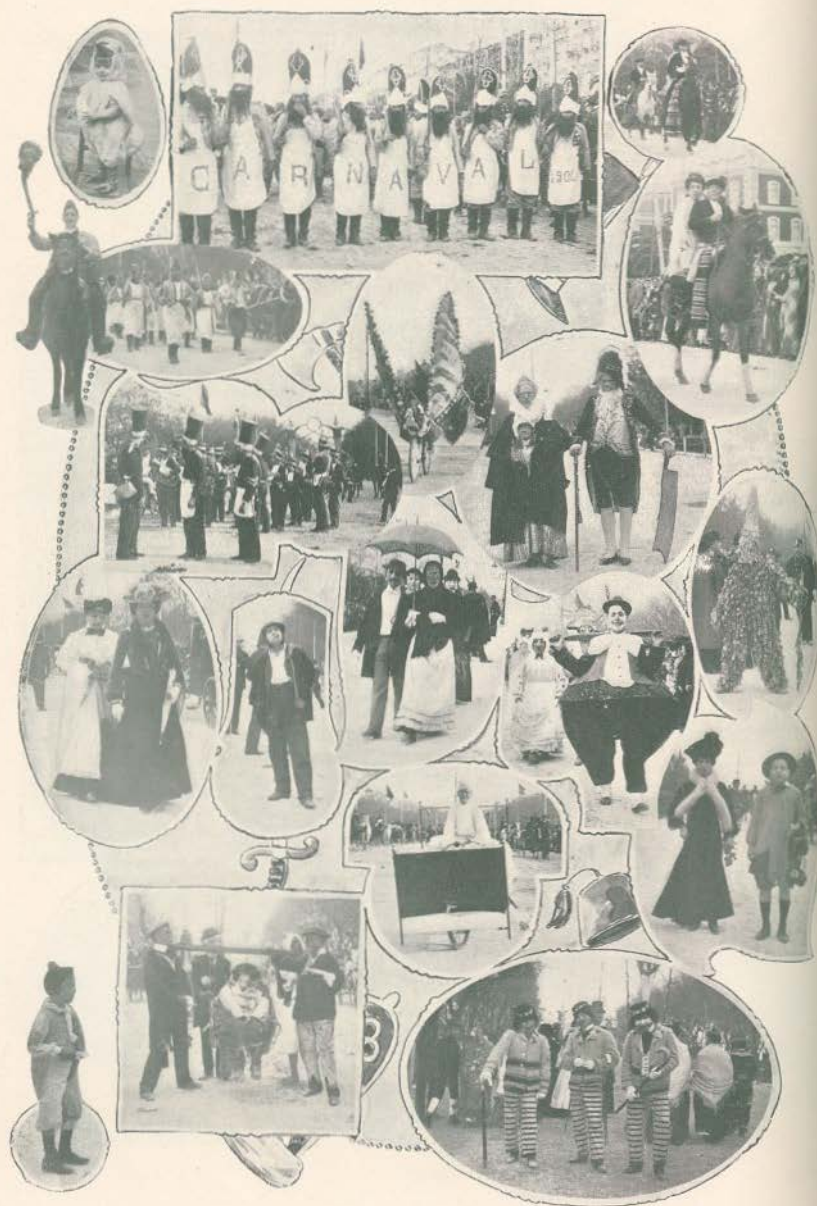
Mas como tudo o que é semsaborão e postico esse carnaval absurdo radicou-se, triumphou pela indifferença, ao abrigo da inercia tradicional de um povo para quem a reacção é uma fadiga. Assim decabido, o entrudo entrou a ser uma exploração industrial, mascarada com intuitos civicos e philanthropicos. Um carnaval virtuoso era infallivelmente um carnaval agonisante. Por isso o entrudo lisboeta morreu. O que a estas horas se arrasta pelas ruas outra cousa não é mais que o seu enterro...



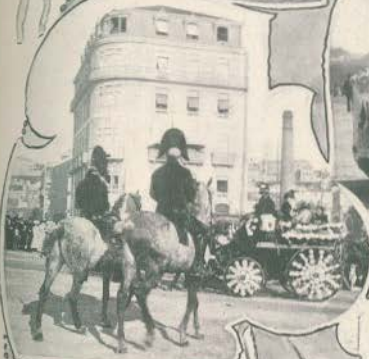
ASPECTOS DO CARNAVAL DE 1902



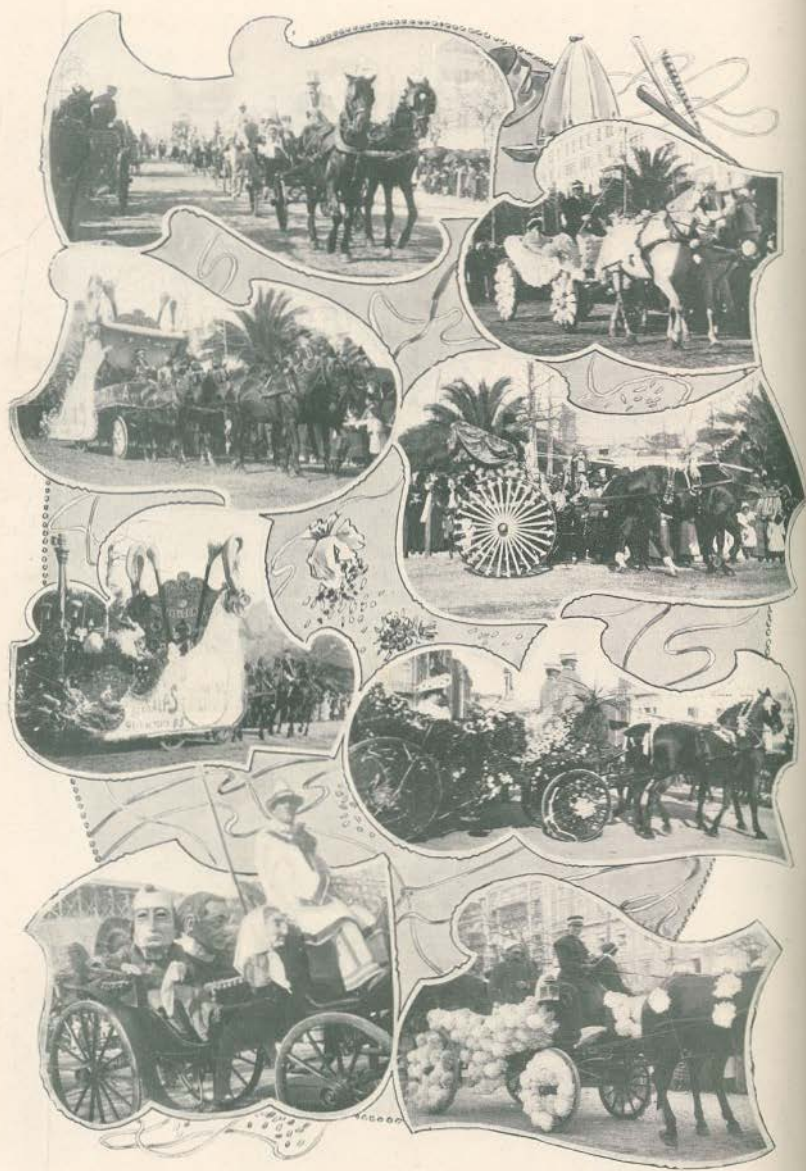
ASPECTOS DO CARNAVAL DE 1903
(primeiro cortejo do rei Carnaval)



ASPECTOS DO CARNAVAL DE 1904



ASPECTOS DO CARNAVAL DE 1905



ASPECTOS DO CARNAVAL DE 1906

A mais importante casa de automoveis em Portugal



BEAUVALET & C.^a

Representante de PEUGEOT a mais afamada marca de automoveis — Praça dos Restauradores, Lisboa

Union Maritime e Mannheim

Companhia de seguros postaes
maritimo e de transportes
de qualquer natureza

Directores em Lisboa

LINA MAYER & C.^a

RUA DA PRATA, 59, 1.^o

NESTLE

FARINHA LACTEA

12 medalhas de ouro inclinando
a conferida na
Exposiçao Agrícola de Lisboa

Preço 400 réis

O passado, presente e futuro revelado pela
mais celebre chiromante e physionomista
da Europa, Madame Brouillard



Diz o passado e o presente e prediz o futuro com veracidade e rapidez incomparavel em vaticinios. Pelo estudo que fez das sciencias, chiromancia, physionomia e physiognomonia e pelas applicações practicas das theorias de Cagli, Lavater, Desbarrolles, Lambruze e d'Arpeigney. Madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos seus meritos e ha de mais alta categoria, a quem predisse a queda do Imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, allemão, italiano e hespanhol.

Dá consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite, em seu gabinete, 43, Rua do Carmo, sobre-loja. Consultas a 1\$000, 2\$500 e 5\$000 réis.

ZENITH



O melhor relógio em ouro, prata e aço. O unico que em dois annos conseguiu
impôr-se a todas as outras marcas.

O melhor relógio em ouro, pra e aço. O unico que em dois annos conseguiu
impôr-se a todas as outras marcas.



Sociedade de Seguros Mutuos sobre a Vida

SÉDE SOCIAL — RIO DE JANEIRO

Filial em Portugal — Largo de Camões, 12, 1.º — Lisboa

DIRECTORIA DA FILIAL

Presidente: Conselheiro Julio Marques de Vilhena, governador do Banco de Portugal, Par do Reino, Ministro de Estado Honorario.

Vice-presidentes: Conselheiro Dr. M. A. Moreira Junior, Ministro de Estado Honorario e lente da Escola Medica

Director consultor: Conselheiro Dr. Luiz Gonzaga dos Reis Torgal, Advogado.

Director medico: Dr. Henrique Jardim de Vilhena.

Gerentes: M. A. de Pinho e Silva.

A EQUITATIVA DOS E. U. DO BRAZIL ja é vantajosamente conhecida em Portugal, onde tem tido e tem o melhor acolhimento. Sendo puramente mutua, todos os seus lucros pertencem exclusivamente aos segurados. O Director local resolve sobre todos os assumptos, inclusivê a approvaçào de propostas e pagamento de sinistros 24 horas após a apresentação das provas de morte.

Seguros de vida com sorteio semestral em dinheiro — Unicamente adoptado pela «EQUITATIVA»

Nos sorteios de abril e outubro de 1905 e abril de 1906 foram contempladas as seguintes apolicoes, recebendo os segurados as respectivas importancias e continuando as mesmas em pleno vigor, a saber:

2000 — D. Almeida Marques da Costa Barros — Porto	— 12000000	2020 — Dr. Antonio Cesar Almeida Rosa — Figueira da Foz — 150000
2050 — Dr. João Maria da Costa — Alentejo	— 13000000	2075 — José Fernandes Rodrigues — Lisboa — 150000
2051 — Lino Joaquim de Almeida Aguiar — Lisboa	— 12000000	2081 — Abilio de Matos — Ponta de Lima — 100000
2052 — José João Trindade — S. Paulo	— 12000000	2043 — M. Joaquim Guilherme de Carvalho — Lisboa — 100000
2053 — D. Maria da Silva Catharino — Alentejo	— 12000000	

DOTAÇÕES DE CREANÇAS DE 1 AOS 15 ANNOS

serão attendidos todos os pedidos de tabellas de premios, prospectos e outras informações que forem dirigidas

Filial d'A EQUITATIVA dos E. U. do Brazil

LARGO DO CAMÕES, 11, 1.º

Agente em Paris: — Camille Lipman, 26, Rue Vignon